



DOSSIÊ TEMÁTICO – EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NOS 20 ANOS DA LEI N. 10.639/2003

Protagonismo de meninas negras na literatura infantil: Possibilidades de contribuição à implementação da Lei n. 10.639/2003

Protagonism of Black Girls in Children's Literature: Possibilities of contributing to the implementation of Law 10.639/2003

Protagonismo de las niñas negras en la literatura infantil: Posibilidades de contribuir a la implementación de la Ley n° 10.639/2003

Andrea Cristiane

Silveira da Rosa¹

orcid.org/0009-0006-2956-045X

andrea-rosa@uergs.edu.br

Martha Giudice Narvaz¹

orcid.org/0000-0001-8430-9483

martha-narvaz@uergs.edu.br

Recebido em: 24 nov. 2024.

Aprovado em: 27 out. 2025.

Publicado em: 16 dez. 2025.

Resumo: Apresentamos resultados preliminares de estudo que vem sendo desenvolvido junto à Linha de Pesquisa Artes em Contextos Educacionais do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). O estudo busca contribuir com a proposição de práticas pedagógicas antirracistas na Educação Básica por meio da literatura infantil. Inscrita no campo das metodologias feministas e antirracistas, sobretudo do feminismo negro, a pesquisa, de base documental, teve por objetivo constituir um inventário de obras da literatura infantil protagonizadas por meninas negras. Foram investigadas, no mercado editorial brasileiro da literatura infantil, no período de 2003 a 2023, histórias protagonizadas por meninas negras. Foram encontradas 129 obras, que versam sobre diversos temas, categorizadas segundo a proposta de Laurence Bardin. Neste trabalho, apresentamos e discutimos as categorias mais recorrentes: 1) cabelo; 2) histórias sobre África e povo africano; 3) positividade de meninas negras; 4) sonhos e superação; e 5) ancestralidade. Destaca-se a diversidade e a riqueza destas obras, que podem inspirar práticas docentes desde a Educação Infantil na direção da efetiva implementação da Lei n. 10.639/2003, ainda por fazer-se.

Palavras-chave: Educação antirracista; Literatura infantil; Meninas negras; Lei n. 10.639/2003.

Abstract: We present preliminary results of a study that has been developed at the Research Line "Arts in Educational Contexts" of the Pos Graduate Program in Education (PPGED) at the State University of Rio Grande do Sul (UERGS). The study intends to contribute to the proposition of antiracist pedagogical practices in Basic Education through children's literature. Inscribed in the field of feminist and antiracist approaches, especially black feminism, this documental research aimed to create an Inventory of Black Girls in Children's Literature. The Brazilian publishing market, from 2003 to 2023, were investigated. Were found 129 titles, with different themes, categorized according to Laurence Bardin's proposal. In this paper, we present and discuss the most recurrent categories found: 1) hair; 2) stories about Africa and African people; 3) positivity of black girls; 4) dreams and overcoming; and, 5) ancestry. The diversity and richness of these Protagonism of Black Girls Children's Literature are pointed out, which can inspire educational practices starting in Early Childhood Education towards the effective implementation of Law 10.639/2003, a goal yet to be accomplished.

Keywords: Anti-racist education; Children's literature; Black girls; Law 10.639/2003.

Resumen: Presentamos resultados preliminares de un estudio que se viene



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Porto Alegre/RS, Brasil.

desarrollando en la Línea de Investigación Artes en Contextos Educativos del Programa de Posgrado en Educación (PPGED) de la Universidad Estatal de Rio Grande do Sul (UERGS). El estudio busca contribuir a la propuesta de prácticas pedagógicas antirracistas en la Educación Básica a través de la literatura infantil. Inscrita en el campo de las metodologías feministas y antirracistas, sobre todo del feminismo negro, la investigación, de base documental, tuvo como objetivo constituir un inventario de obras de literatura infantil protagonizadas por niñas negras. Se investigaron, en el mercado editorial brasileño de literatura infantil, en el período de 2003 a 2023, historias protagonizadas por niñas negras. Se encontraron 129 obras que abordan diversos temas, categorizadas según la propuesta de Laurence Bardin. En este trabajo, presentamos y discutimos las categorías más recurrentes: 1) cabello; 2) historias sobre África y el pueblo africano; 3) positividad de niñas negras; 4) sueños y superación; y 5) ancestralidad. Se destaca la diversidad y la riqueza de estas obras, que pueden inspirar prácticas docentes a partir de la Educación Infantil en la dirección de la efectiva implementación de la Ley n.º 10.639/2003, aún en proceso de realización.

Palabras clave: Educación antirracista; Literatura infantil; Niñas negras; Ley n.º 10.639/2003.

1 Introdução

Para não atrapalhar a atividade, segui o que propunham os colegas: fazer um teatro, no qual cada uma de nós interpretaria uma personagem. Fiquei como narradora, pois não tinha naquela história nenhuma personagem que servisse para mim: não me encaixava na narrativa, até porque sou preta, com cabelos negros, livres, volumosos e muito cacheados, além do que, essa história de ficar numa torre esperando alguém me salvar, não combina comigo (Rosa, 2024).

Tratar da educação para as relações etnoraciais na perspectiva de uma educação antirracista e antissexista implica pensar em como meninas e mulheres negras são representadas em nossa sociedade. Nesse estudo, tomamos como foco as representações das meninas negras na literatura infantil e as contribuições desse artefato para práticas educacionais, visto que, a despeito da vasta legislação vigente, há ainda lacunas na formação docente em relação a práticas pedagógicas antirracistas (Gomes; Jesus, 2013; Marques; Gonçalves, 2019; Rosa, 2022). Pensar a educação antirracista é, antes de tudo, admitir que o racismo está presente na sociedade brasileira e faz parte do cotidiano de nossas escolas. Nilma Gomes (2012, p. 147) afirma que reconhecer o racismo “rompe com a hipocrisia da nossa sociedade

diante da população negra e mestiça e exige um posicionamento dos(as) educadores(as)”. Nesse sentido, o presente artigo visa contribuir com possibilidades de trabalho que possam favorecer a implementação da Lei n. 10.630 (Brasil, 2003) na perspectiva da educação antirracista por meio da literatura infantil.

Entendemos a educação antirracista numa perspectiva que busca combater o racismo e promover a igualdade racial no ambiente educacional, no qual todas as pessoas sejam valorizadas e reconhecidas em sua singularidade, independentemente de sua origem étnica e de gênero. Reconhecendo que o racismo é estrutural e está enraizado em várias instituições, incluindo as escolas, nas quais há “padrões de tratamento desigual nos sistemas e agendas educativas” (Kilomba, 2019, p.79), propor ações no sentido de dismantelar essas estruturas e promover uma transformação profunda na maneira como o conhecimento é transmitido e vivenciado, torna-se urgente. Uma educação que promova a valorização da diversidade e a desconstrução de estereótipos e preconceitos em relação a pessoas negras implica repensar currículos e a formação docente. Nilma Gomes (2012, p. 102), em seu artigo *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos*, fala da importância de descolonizar o currículo e da necessidade de formarmos docentes engajados em um projeto multicultural:

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciamos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos.

É preciso considerar que, quanto mais for ampliado o direito à educação, cada vez mais teremos pessoas, antes invisibilizadas, nesses espaços, trazendo seus saberes e demandas educacionais, sociais e políticas, as quais exigem mudanças nas práticas e “questionamento dos lugares de poder. [...] da relação entre direitos e privilégios arraigada em nossa cultura política e

educacional, em nossas escolas" (Gomes, 2012, p. 100). O artigo *Diálogos possíveis entre educação antirracista e decolonial: vozes insurgentes, pedagogias críticas e a Lei n. 10.639* (Brasil, 2003), de Diego Reis e Maria Calado (2020), corrobora essa ideia, e diz ser fundamental promover ações educativas que combatam o racismo em todos os níveis e momentos da formação escolar para que se possa questionar e desfazer, desde a Educação Infantil, os ideais da branquitude. A branquitude não se refere apenas à cor da pele, mas também a uma posição de poder e privilégio que é concedida às pessoas brancas (Bento, 2022). Portanto, é preciso enfrentar as práticas racistas e valorizar as histórias e as culturas africanas e afrodiáspóricas. Carolina Santos (2018), em seu artigo *Diálogos entre afrodíspora e educação: por um currículo a favor das culturas negras*, assinala o quanto os processos de colonização resultaram em práticas de aculturação, silenciamento e apagamento das culturas dos povos negros.

Há, portanto, que se promover práticas que se contraponham aos efeitos do racismo, dentre eles, o de invisibilizar, desvalorizar e/ou criar estereótipos negativos acerca da cultura, dos modos de vida e da estética negra, sobretudo no que envolve a cor da pele, o cabelo e as feições negras. Essas representações desqualificadas, que aparecem nas artes, nos livros didáticos e paradidáticos, na indústria cultural e no sistema educacional (Almeida, 2020), acarretam nas pessoas negras – com destaque, aqui, para as mulheres e as meninas – uma imagem negativa sobre si mesmas, o que pode se perpetuar por várias gerações.

Trata-se de um processo ainda mais complexo, à medida que essa abertura para a multiplicidade nos currículos escolares implica também direcionar o olhar para as lutas das mulheres negras, ao nos depararmos com histórias de inferiorização, mas também de resistência. Destaca-se, nesse contexto, a contribuição do feminismo negro, "movimento antirracista, feminista e antipatriarcal no Brasil [...] que luta por igualdade racial e de gênero" (Gonzalez, 2020, p. 147). A educação

antirracista associa-se à educação antissexista, uma vez que racismo e sexismo se articulam na produção de situações de opressão e inferiorização das mulheres negras (Carneiro, 2023; Gonzalez, 2020; hooks, 2019).

Por muito tempo, as mulheres negras não puderam falar, muito menos estudar ou escrever. Suas vozes foram silenciadas, tal qual a máscara do silêncio de que fala Grada Kilomba (2019). Falavam por elas, falavam delas, aqueles e aquelas que gozavam dos privilégios da branquitude. Nossa luta vem de longe. A partir desse fato, podemos afirmar que, da mesma maneira que a trajetória das lutas do povo negro remonta a muito tempo, as lutas das mulheres, em especial das mulheres negras, também são de longa data.

Na década de 1920, período que inaugura a literatura infantil genuinamente brasileira, as personagens negras nas histórias infantis ficavam "confinadas em estereótipos, cenas de violência, subserviência e desumanização" (Araujo, 2017, p. 1), reflexo do racismo estrutural de um projeto de nação no qual as mulheres brancas não tinham protagonismo e as pretas sequer eram consideradas cidadãs. Prevaleceu aí "uma característica em comum: a busca pela transmissão de valores burgueses 'civilizatórios' de bons costumes" (Araujo, 2017, p. 2), segundo os quais as mulheres brancas de famílias tradicionais eram responsáveis pela administração do lar, e as negras, pelas lidas domésticas e cuidado dos filhos e filhas de suas senhoras. O sistema patriarcal colonialista tentava determinar (e ainda o faz, mas não sem resistência) como as mulheres eram posicionadas na sociedade, revelando um sistema hierárquico que as colocava em desvantagem, num lugar de inferioridade, limitando possibilidades de expressão e restringindo o acesso a oportunidades de educação, trabalho, renda e inserção na vida política e cultural.

Contudo, as mulheres, especialmente as mulheres negras, há muito já participavam da vida social e política, publicando romances e folhetins com conteúdo político, defendendo os direitos das mulheres e mesmo participando de lutas, guerras e revoltas, das sufragistas às abolicionis-

tas, passando, inclusive, pela luta armada². Houve muitas heroínas negras ainda pouco conhecidas nas escolas, tais como Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Maria Felipa e Tereza de Benguela, entre outras (Arraes, 2020).

Diferentes perspectivas feministas, em diferentes lugares do mundo, foram renovando suas agendas políticas. Nesse sentido, o feminismo negro trouxe importantes contribuições para questionar as diferentes formas de opressões sofridas pelas mulheres negras e as maneiras como elas são marginalizadas e subordinadas em uma sociedade estruturalmente racista. O feminismo negro, problematizando o sujeito universal branco burguês do feminismo europeu, reivindicou a visibilidade das especificidades das opressões vivenciadas pelas mulheres negras, resultado da articulação entre raça, gênero e classe social (Carneiro, 2023; Gonzalez, 2020; Narvaz, 2009).

A necessidade de pensar práticas pedagógicas que envolvem a literatura infantil e que valorizem o protagonismo de meninas negras justifica-se ainda na atualidade, em especial diante do silenciamento em relação às questões de gênero, sexualidade e desigualdade racial nos currículos escolares. E pensar que tudo isso faz parte de um projeto de sociedade, de manutenção de uma realidade na qual crianças negras seguem enfrentando diversas barreiras no acesso, inclusive a uma educação que os represente (Gomes, 2002). Nesse contexto, o sentimento de desvalorização e de exclusão tende a se perpetuar, submetendo as crianças a estereótipos discriminatórios que consideram meninos e meninas racializados menos capazes e passíveis de violências, num *continuum* de desigualdades estruturais. É fundamental promover espaços seguros para diálogo, expressão e empoderamento para as crianças negras, sendo a escola um lugar privilegiado para este debate.

A máscara [do silêncio] representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádi-

cas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os "Outras/os". Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (Kilomba, 2019, p. 33).

Infelizmente, no campo escolar, ainda há resistência ao debate acerca do racismo. A invisibilidade, o branqueamento, a solidão, a violência estética – processos esses constituídos pelas desigualdades e discriminações de classe, de gênero e de raça –, perpassam a vida de meninas e meninos negros, principais vítimas da marginalização, da pobreza e da violência (Rosa, 2022). Não se trata, contudo, de apenas converter o enfrentamento ao racismo como conteúdo escolar a partir de medidas legislativas, mas sim problematizar comportamentos racistas que ainda permeiam o espaço escolar como um todo (Gomes, 2005). A escola, muitas vezes, (re)produz o racismo institucional, "entendido como padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas, em sistemas e agendas educativas, mercado de trabalho, justiça criminal. O racismo institucional opera de tal forma que coloca os sujeitos brancos em clara vantagem em relação a outros grupos racializados" (Kilomba, 2019, p.77).

Nesse cenário, a Lei n. 10.639 (Brasil, 2003), em conjunto com a Resolução CNE/CP 01/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER)³, foi um passo importante para romper essa máscara imponente, ainda invisível, mas que continua silenciando vozes e aprisionando sonhos. Diversos trabalhos apontam para as dificuldades na implementação da referida lei, mesmo vinte anos após sua promulgação, sendo a deficiência na formação docente um dos seus condicionantes (Rosa, 2022). Contudo, para Nilma Lino Gomes e Rodrigo de Jesus (2013, p. 22), além de mudanças nas práticas docentes, "essa implementação implica na construção de políticas públicas educacionais que se contraponham ao racismo institucional".

No rastro dos avanços em relação às nor-

² Ver: Narvaz (2009).

³ Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: aprovada pela Resolução CNE/CP 03/2004 (Brasil, 2004).

mativas legais de enfrentamento do racismo, a Lei n. 12.288 (Brasil, 2010), instituiu o Estatuto da Igualdade Racial no Brasil, buscando garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos seus direitos e o combate à discriminação e à intolerância étnica e racial. Em 2015, a partir do Plano Nacional de Educação (PNE)⁴, o estado do Rio Grande do Sul, em seu Plano Estadual de Educação (PEE), estabelecido por meio da Lei n. 14.705 (Rio Grande do Sul, 2015), também previu em suas diretrizes a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação; a promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental, à orientação sexual e às escolhas religiosas; o combate ao racismo e a todas as formas de preconceito (Narvaz; Zordan, 2019). Nesse sentido,

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. [...] É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia (Brasil, 2004, p. 8).

Não podemos, contudo, ingenuamente, acreditar que leis tenham o poder de erradicar atitudes preconceituosas, fruto de um sistema alicerçado em valores e mecanismos racistas e coloniais, os quais marcaram fortemente nossa educação e formação. Mas se, por um lado, a legislação está longe de resolver a discriminação racial na escola, ela pode mobilizar forças para combatê-la, para que possamos celebrar nossas heranças e reescrever a história, arrancando de nossas bocas a máscara do silêncio da qual nos fala

Grada Kilomba (2019).

Nesse sentido, considerando que a construção identitária da criança passa pelas referências que lhe são apresentadas, e que a leitura incide na formação das subjetividades (Larossa, 2007), a literatura infantil trabalhada na escola tem importante papel nessa construção, o que tem sido apontado por vários estudos.

Na dissertação de mestrado *Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea*, Vanessa da Costa (2020, p. 24) afirma que "a inserção da literatura na vida das crianças no espaço pedagógico contribui para a construção de suas identidades". Mônica Luz (2018, p. 20), em sua tese de doutorado intitulada *Representações dos personagens negros e negras na literatura infantil brasileira*, fala da importância da literatura infantil para as crianças, quer como puro deleite, quer como estímulo à imaginação e à subversão do que está posto socialmente. Rosa Chaves (2023, p. 32), em sua pesquisa de doutorado, *Meninas negras na literatura infantil: infâncias, identidade e representatividades*, aborda o corpo como um importante elemento identitário: "As maneiras de adornar e cuidar do cabelo podem tanto fortalecer o pertencimento identitário negro, no qual o cabelo crespo é visto com orgulho, quanto enfraquecê-lo, quando o cabelo acaba se reenquadrando imerso em processos de alisamentos".

Em *Meninas bonitas: um estudo sobre empoderamento feminino e relações étnico-raciais no contexto escolar a partir da literatura infantil*, Rosa Dias (2019) aborda as formas pelas quais a literatura infantil pode colaborar para a construção de uma identidade mais positiva às meninas negras. Além disso, segundo ela, não podemos desconsiderar a importância das imagens veiculadas pelas histórias como um importante dispositivo de educação e, também, de subjetivação: "As ilustrações também contam histórias e veiculam imagens e, por isso, merecem um olhar atencioso acerca de que impressões suscitam em seus leitores" (Dias, 2019, p. 60). Elas convidam a uma leitura visual, capturam a atenção, permitem que

⁴ Plano Nacional de Educação é um plano decenal que determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional, aprovado pela Lei n. 13.005 (Brasil, 2014).

as crianças criem conexões emocionais com os personagens (Elmor, 2004).

Também para a artista visual brasileira Rosa-na Paulino (2015, p. 8), “talvez a maioria do que é colocado como preconceito, principalmente racial, não é colocado em palavras. É colocado em imagens – ou na ausência delas”. Por isso, é importante analisar também as imagens inscritas nas histórias infantis, dado que elas nos subjetivam, nos ensinam modos de ser e estar no mundo (Narvaz, 2021), podendo operar na afirmação e na positivação das identidades das meninas negras. Ou não.

2 Método

Inscrito no campo das metodologias feministas (Narvaz, 2009), com especial destaque ao feminismo negro (Carneiro, 2023; Gonzalez, 2020; Kilomba, 2019), este estudo articula racismo e sexismo no enfrentamento das estruturas coloniais e patriarcais presentes na sociedade, valorizando as vozes silenciadas, as histórias e as especificidades das experiências das mulheres e, especialmente, das meninas negras. Advogamos que todo pessoal é também político, não havendo separação entre pesquisa e vida, entre produção de conhecimento e lutas sociais, dado que todo conhecimento, inclusive o acadêmico, está atravessado por determinados interesses em disputa (Narvaz, 2009). A escolha desta inscrição emerge das histórias de vida e de pesquisa das autoras, ativistas no campo da educação antirracista e antissexista, e configura os objetivos desta investigação: contribuir com a proposição de práticas antirracistas e antissexistas na educação básica por meio da organização de um inventário de

obras de literatura infantil com o protagonismo de meninas negras.

O estudo, de caráter qualitativo e descritivo, caracteriza-se como pesquisa documental (Pimentel, 2001). Utilizou-se de registros de fontes primárias – no caso, obras da literatura infantil – e envolveu as seguintes etapas: 1) a localização do material; 2) a seleção dos documentos relevantes para a investigação; 3) a organização das informações; e 4) a análise interpretativa dos dados (Pimentel, 2001). A busca foi realizada no Portal Geledés⁵ e livrarias digitais, como Amazon⁶ e Estante Virtual⁷, utilizando como descritores de busca *literatura infantil com protagonismo de meninas negras*, *literatura infantil e meninas negras*, *livros infantis com meninas negras* e *meninas negras* nos títulos e nas ilustrações das capas das referidas obras. O período da investigação foi entre 2003 e 2023, escolha que alude à implementação da Lei n. 10.639⁸, em 2003, período a partir do qual se observou um incremento de produção editorial alinhada à implementação da referida Lei (Kirchof; Bonin; Silveira, 2015).

Os dados foram categorizados a partir da proposta de Laurence Bardin (2009). A análise de conteúdo, como método de análise de dados, é um conjunto de técnicas de análise que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens a partir de deduções lógicas e justificadas. A análise de conteúdo organiza-se em três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados: inferência e interpretação. No presente estudo, na pré-análise, procedeu-se à seleção e à organização do material coletado, constituindo-se o *corpus* de análise; na exploração do material,

⁵ Instituto da Mulher Negra (Geledés), fundado em 30 de abril de 1988. É uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/100-livros-infantis-com-meninas-negras-50100-parte-i/>. Acesso em: 10 out. 2023.

⁶ Empresa de tecnologia criada em 1994 como uma loja digital de livros que ampliou suas atividades e se tornou a maior empresa de comércio eletrônico do mundo e atualmente comercializa produtos de todos os tipos. Disponível em: https://www.amazon.com.br/s?k=literatura+infantil+com+pprotagonismo+de+meninas+negras&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85C5%BD%C3%95%C3%91&cri-d=1YSMBMAFESL81&sprefix=literatura+infantil+com+pprotagonismo+de+meninas+negras%2Caps%2C352&ref=nb_sb_noss. Acesso em: 10 out. 2023.

⁷ Portal brasileiro de comércio eletrônico que reúne o maior acervo de sebos e livrarias do Brasil. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/busca?q=literatura%20infantil%20com%20protagonismo%20de%20meninas%20negras&sugestao=1>. Acesso em: 5 out. 2023.

⁸ A Lei n. 10.639/2003 altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases Da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências (Brasil, 2003).

fez-se uma leitura flutuante e, posteriormente, a categorização dos textos e imagens em temas, a fim de “descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 2009, p. 105). Cabe destacar que a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto. No presente estudo, foram construídas categorias de análise a partir do critério semântico, buscando-se identificar e agrupar os núcleos de sentido emergentes no *corpus* da análise, em conformidade com os objetivos da investigação. Construíram-se, assim, categorias temáticas a partir dos focos narrativos e imagéticos encontrados no *corpus* analítico, composto pelos documentos investigados. Foram lidas as sinopses de todas as obras localizadas e categorizadas quanto à temática central veiculada em cada publicação. Neste trabalho, apresentamos resultados preliminares de investigação mais abrangente, cujo foco é a constituição de um inventário de obras da literatura infantil protagonizada por meninas negras, que constituirá uma Afroteca Digital⁹. Estes resultados são apresentados a seguir, juntamente com a discussão.

Foram identificadas 129 obras de literatura infantil com protagonismo de meninas negras nos sites de busca a partir dos descritores elencados. Foram analisadas as temáticas centrais nos elementos narrativos e visuais destas 129 obras a partir da leitura das sinopses e da visualização das capas e ilustrações das obras, possibilitando apontar padrões e semelhanças. Emergiram do *corpus* de análise 15 categorias, quais sejam: cabelo, sonhos e superação, histórias sobre África ou povo africano, amizade, natureza, histórias de quilombo, cor da pele, curiosidade infantil, ancestralidade, ficção/fantasia, releitura de clássicos, princesas negras ou africanas, religião, ritmo e positividade de meninas negras. Neste trabalho, dada a limitação de espaço, apresentamos um recorte dos dados até então analisados, que se refere às categorias elaboradas a partir da regularidade de suas temáticas, a saber: 1) cabelo; 2) histórias sobre África e povo africano; 3) positividade de meninas negras; 4) sonhos e superação; e 5) ancestralidade. As obras analisadas e as respectivas categorias construídas a partir dos objetivos da investigação estão organizadas no Quadro 1.

3 Resultados e discussão

QUADRO 1 – Categorias analíticas com maior regularidade constitutivas do inventário

Categoria Cabelo		
Título/autor(a)/ano	Título/autor(a)/ano	Título/autor(a)/ano
1. As tranças de Bintou Autora: Sylviane A. Diouf (2004)	8. O cabelo de Cora Autora: Ana Zarco Câmara (2013)	15. A menina dos cabelos de algodão Autora: Winny Carvalho (2020)
2. Manu da noite enluarada Autora: Lia Zartz (2007)	9. O mundo no black power de Tayó Autora: Kiusan de Oliveira (2013)	16. Meu crespo é de rainha Autora: bell hooks (2020)
3. Betina Autora: Nilma Lino Gomes (2009)	10. Bia, Tatá e Ritinha tem cabelo ruim!? Como assim? Autora: Neusa Baptista Pinto (2015)	17. Amor de cabelo Autor: Matthew Cherry (2021)
4. Peppa Autora: Silvana Rando (2009)	11. Dandara seus cachos e caracóis Autora: Maira Suertegaray (2015)	18. Cabelo toin oin oin Autora: Tânia Alves (2021)
5. O mundo começa na cabeça Autora: Prisca Agustoni (2011)	12. O pente que te penteia Autor: Olegário Alfredo (2015)	19. Aimê e seus fios de cachos Autora: Mariana Cazella Maciel (2022)

⁹ A Afroteca Digital @literandoafricanidades foi elaborada como produto educacional do Mestrado Profissional em Educação no qual se insere a presente pesquisa. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/3861>. Acesso em: 1 dez. 2025

6. Cabelo ruim? Autora: Neusa Baptista Pinto (2012)	13. Toinhoihóins Autora: Fernanda Suaiden (2018)	
7. O cabelo de Lelé Autora: Valéria Belém (2012)	14. Os mil cabelos de Ritinha Autora: Paloma Monteiro (2019)	
Categoria Histórias sobre África e povo africano		
1. Histórias da Preta Autora: Heloisa Pires Lima (2005)	8. Obax Autor: André Neves (2010)	15. O mar que banha a ilha de Goré Autora: Kiusam de Oliveira (2014)
2. Doce princesa negra Autora: Solange Cianni (2006)	9. Akissi. O ataque dos gatos Autora: Marguerite Abaouet (2011)	16. Aminata, a tagarela Autor: Maté (2015)
3. Ulomma: a casa da beleza e outros contos Autor: Sunny (2006)	10. Senegal a caminho da escola Autora: Anna Obiols (2011)	17. Não derrame o leite! Autores: Christopher Corr; Stephen Davies (2015)
4. Luanda, filha de Iansã Autora: Lia Zartz (2007)	11. A tatuagem: reencontro com o povo Luo Autor: Rogério Andrade Barbosa (2012)	18. Bia na África Autor: Ricardo Dreguer (2016)
5. Aya da Yopougon Autora: Marguerite Abouet (2009)	12. Aya de Yopougon 2 Autora: Marguerite Abouet (2012)	19. A menina que abraçava o vento Autora: Fernanda Paraguassu (2017)
6. Bruna e a galinha D'Angola Autora: Gecilda de Almeida (2009)	13. Naninquá: a moça bonita Autor: Rogério Andrade Barbosa (2013)	
7. Diarabi e Mansa Autor: Souleymane Mbodj (2010)	14. A primeira carta Autor: Yann Dégrudel (2013)	
Categoria Positivção de meninas negras		
1. Quando eu digo digo digo Autora: Lenice Gomes (2003)	7. Meu corpo: da cabeça aos pés Autora: Lisa Bullard (2012)	13. Cheirinho de neném Autora: Patrícia Santana (2021)
2. Cadê Maricota? Autora: May Shuravel (2006)	8. O vestido de Jamela Autor: Niki Daly (2012)	14. Meu primeiro livro de procurar e achar – Doutora brinquedos Autora: Chris Nee (2021)
3. Mariana Catibiriba Autora: Nena de Castro (2007)	9. A menina que bordava bilhetes Autora: Lenice Gomes (2017)	15. O gatinho de Sara Autora: Gisele Gama Andrade (2021)
4. Galo Barnabé vai ao balé Autor: Jonas Ribeiro (2017)	10. Bia na Europa Autor: Ricardo Dreguer (2018)	16. Sara vai à praia Autora: Gisele Gama Andrade (2021)
5. As cores de Lúcia Autor: Jorge Fernandes dos Santos (2010)	11. Bia na Ásia Autor: Ricardo Dreguer (2019)	17. A velha sentada Autor: Lázaro Ramos (2010)
6. Olívia tem dois pais Autora: Márcia Leite (2010)	12. A família de Sara Autora: Gisele Gama Andrade (2020)	
Categoria Sonhos e superação		
1. Cíça Autora: Neusa Jardim Possatti (2004)	5. Cíça e a rainha Autora: Neusa Jardim Possatti (2012)	9. Betha, a bailarina pretinha Autora: Bethânia Nascimento (2021)
2. Amanhecer Esmeralda Autora: Ferrez (2005)	6. Tem um Juve no meu lustre Autora: Tatiana Pavanelli Valsi (2012)	10. Cadarços desamarrados Autora: Madu Costa (2021)
3. Lindara Autora: Sônia Rosa (2009)	7. A bailarina e a bolha de sabão Autora: Maria Gal (2013)	11. Os sonhos de Ágata Luciane Leite (2021)
4. Palma e Vaias Autora: Sônia Rosa (2009)	8. Mariana Autora: Ana Paula de Abreu (2014)	12. Outra vez Mariana Autora: Madu Costa (2021)

Categoria Ancestralidade		
1. Os tesouros de Monifa Autora: Sônia Rosa (2009)	5. Lindas águas: o mundo da menina rainha Autor: Érico Brás (2016)	9. Gabriela a princesa do Dandara Autora: Marta Rodrigues (2021)
2. Dandara Autor: Vanderlei Benedito Bastos (2012)	6. Princesas negras Autoras: Edileuza Penha de Souza; Ariane Celestino Meireles (2019)	10. Mariana Autores: Jacira Melquiades; Leandro Melquiades (2021)
3. Embolando palavras Autora: Madu Costa (2014)	7. A lua cheia de vento Autora: Mel Adún (2021)	11. Meninas negras Autora: Madu Costa (2021)
4. Ana, a família e o Baobá Autora: Léia Cassol (2015)	8. Ashanti: nossa pretinha Autora: Tais Espírito Santo (2021)	

Fonte: Elaboração própria.

Kirchof, Bonin e Silveira (2015), no artigo *A diferença étnico-racial em livros brasileiros para crianças: análise de três tendências contemporâneas*, destacam, nas temáticas das histórias infantis: 1) situações fictícias nas quais ao final do enredo o racismo é superado; 2) representação naturalizada na qual as personagens negras fazem parte de diversos tipos de narrativa; e, 3) o objetivo de ensinar sobre diferenças. Os resultados aqui encontrados corroboram estas tendências. Contudo, optou-se por uma análise mais detalhada acerca dos temas centrais abordados nas obras, o que pode, inclusive, servir como inspiração para práticas pedagógicas segundo determinados temas de interesse. As categorias construídas são apresentadas e discutidas a seguir, e são: cabelo; histórias sobre África e povo africano; positividade da identidade de meninas negras; sonhos e superação e ancestralidade.

3.1 Categoria Cabelo

Das 129 obras inventariadas, 19 trazem o cabelo como tema central, cuja autoria é majoritariamente feminina: são 18 autoras, sendo 7 mulheres negras, o que alude à aposta na literatura como forma de resistência e transgressão à ideia de que "a beleza dos corpos passa a ser regulada por padrões estéticos eurocentrista construídos no contexto do racismo" (Gomes, 2019, p. 110). Nesta categoria, as obras em foco oferecem às meninas uma variedade de personagens com as quais elas podem se identificar, retratando meninas negras fortes, inteligentes, corajosas e cheias de sonhos, mostrando a diversidade e a

beleza presente em cada uma, como podemos conferir nos títulos n. 10, 14 e 16.

O cabelo tem um significado especial para muitas meninas negras, pois é uma marca identitária e expressão cultural (títulos n. 3, 7 e 8). Há séculos, os padrões eurocêntricos de beleza ditam que cabelos lisos e longos são os considerados ideais, levando muitas meninas e mulheres negras a alisar seus cabelos para se adequarem a essas normas, como apresentado no título n. 4. Contudo, felizmente, nos últimos anos, as meninas negras têm assumido cada vez mais seus cabelos naturais, valorizando e celebrando a diversidade e a beleza de suas texturas (Lopes, 2017). O cabelo também desempenha um papel importante na construção da autoestima e da confiança das meninas negras. Ao abraçarem seus cabelos naturais, afirmam a positividade de sua cultura, o que repercute tanto na constituição de sua subjetividade quanto na percepção que têm do mundo, o que aparece na história de Aimê e seus fios de cachos (título n. 19). Ainda que o cabelo não defina uma existência, é um importante elemento identitário na constituição das subjetividades das mulheres e meninas negras (Berth 2019; Gomes, 2019; hooks, 2019; Kilomba, 2019; Lopes, 2017; Souza, 2021), daí a importância de serem estimuladas à jornada de autodescoberta de sua negritude e empoderamento também por meio de seus cabelos, tal como apresentado nestas obras infantis.

3.2 Categoria Histórias sobre África e povo africano

A aprovação da Lei n. 10.639 (Brasil, 2003) foi um marco importante no Brasil no que se refere à representação e à valorização da cultura africana e afro-brasileira. A partir desta data, a produção editorial passou por avanços significativos, pois novos livros, revistas e materiais didáticos foram desenvolvidos, oferecendo uma visão não estereotipada sobre a história africana e afrobrasileira, que, em geral, resumia-se à escravidão. No universo das histórias infantis, há uma preocupação em desconstruir o estereótipo do povo negro como exótico, destacando a diversidade cultural do continente e suas contribuições para a ciência, arte, música e literatura, como podemos encontrar em *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima (título n. 1 desta categoria). Percebemos isso nos textos e imagens das 19 obras encontradas que versam sobre histórias de África e do povo africano, envolvendo mitologia africana, beleza dos povos negros, contos, lendas e mitos africanos, aventuras e ficção no continente africano, tradição oral africana e reinos africanos. Aqui também as autoras são mulheres em sua maioria: são 11 autoras, das quais 5 são negras, inclusive uma africana. Estas autoras nos oferecem belas narrativas sobre a África e a cultura africana, além de desafiar estereótipos e promover a representatividade negra positivada nas histórias infantis.

3.3 Categoria Positivização da Identidade de meninas negras

Retomando as ideias de Kirchof, Bonin e Silveira (2015), a legislação educacional que estabeleceu novos regramentos quanto às questões etnoraciais acabou por impactar a produção editorial no Brasil. Diante de tendências percebidas na abordagem das questões raciais nos livros de literatura infantil, foi possível encontrar nas obras pesquisadas meninas negras como protagonistas em enredos que se distanciam de conflitos raciais, não tendo como foco situações de discriminação. Nessas obras, ao contrário da forma com que geralmente são apresentadas as pessoas negras – associadas à marginalização,

pobreza, violência e escravidão –, as meninas fazem parte de diversas aventuras, sem ser evidenciadas as questões identitárias da negritude, como podemos constatar nas histórias das personagens Bia e Sara (títulos n. 10, 11, 15 e 16 desta categoria). Aqui, foram encontrados 17 títulos, com predomínio de autoras mulheres, porém, somente 1 autora negra.

3.4 Categoria Sonhos e superação

Histórias infantis que trazem sonhos e superação do racismo como tema central oportunizam às crianças aprender sobre questões como a igualdade, a diversidade e a importância de lutar contra o racismo desde cedo. Ao ler ou ouvir histórias que abordam essa temática, elas têm a chance de se identificar com personagens que enfrentam situações de preconceito. Os títulos organizados nessa categoria de análise trazem histórias que subvertem o que está posto socialmente nos discursos racistas que ainda circulam pela sociedade brasileira, colaborando para uma identidade mais positiva das meninas negras. Foram encontradas 12 obras, 11 delas escritas por mulheres, das quais 6 são negras. Os enredos das histórias apresentam o conflito racial e seus efeitos de sofrimento às personagens, os quais são superados com a intervenção de adultos, geralmente pais ou professoras, oferecendo modos possíveis de enfrentamento ao racismo.

3.5 Categoria Ancestralidade

A ancestralidade é um valor civilizatório africano que valoriza nossas raízes, mantendo viva nossa herança cultural. Para Elisa Nascimento (2008), a ancestralidade implica uma ligação profunda e contínua com os antepassados que vai além da biologia, incluindo aspectos históricos e espirituais. Essa conexão com nossos antepassados, que sofreram e lutaram pela sobrevivência e pela preservação de tradições de um povo num ambiente extremamente hostil e violento, é valor identitário importante para a constituição da negritude. Além disso, muitas são as contribuições e influências da cultura africana na formação da cultura brasileira, sendo a literatura uma delas.

Há, ainda, barreiras para que a literatura negra seja reconhecida e acolhida como uma forma de se contar histórias a partir das próprias experiências, o que é contraditório, pois muitas das obras da literatura brasileira se inspiram nas culturas africanas e diaspóricas para desenvolver suas narrativas. Nas obras desta categoria, a ancestralidade tem importância ímpar, pois tratar dessa temática desde as infâncias é manter viva a história e as tradições de um povo rico em produção de cultura e modos de vida para além das histórias da escravidão, o que podemos ouvir através das vozes de Monifa e Moara, em *Os tesouros de Monifa* (título n. 1) e *Embolando palavras* (título n. 3).

Encontramos 11 títulos com a temática central focada na ancestralidade: 9 deles foram escritos por mulheres, das quais 7 são negras. Nesta categoria, as obras versam sobre a conexão com as tradições culturais, a resistência e a luta pela justiça social, criando narrativas que celebram a complexidade do povo negro, resgatando suas histórias e tradições, produzindo possibilidades de invenção de um novo presente. Esse tema atravessa também de alguma forma os enredos das histórias das demais categorias, observando-se a conexão com matrizes africanas e afro-brasileiras e suas contribuições para a cultura, o que oferece oportunidades de identificação com a força do povo negro no engendramento de estratégias de resistência diante da tentativa de apagamento e inferiorização das culturas negras imposta pela colonização.

4 Considerações finais

Ao longo do estudo, tivemos uma grata surpresa quanto à quantidade e à diversidade de trabalhos relativos à temática da presente pesquisa, tais como as dissertações, as teses e os artigos mencionados, bem como às obras com protagonismo de meninas negras. São importantes recursos para o trabalho com a educação antirracista, ampliando-se o repertório a ser disponibilizado nas escolas, nas formações docentes e nas atividades de pesquisa e extensão acadêmicas. A diversidade das obras abarca temas

caros às proposições da Lei n. 10.639 (Brasil, 2003) e das DCNERERs (Brasil, 2004), atravessadas por questões pertinentes às culturas africanas e afrodiaspóricas, ancestralidade e positividade das identidades das meninas negras, com destaque para o cabelo crespo e a estética negra. Longe de qualquer essencialismo, a identidade negra é tomada aqui do ponto de vista político, ou seja, "como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro" (Gomes, 2005, p. 42).

A pesquisa encontrou 129 histórias infantis que trazem à tona histórias de força, empoderamento e enfrentamento ao racismo. No percurso, a cada obra literária explorada, pudemos perceber como a presença de protagonistas negras na literatura infantil é fundamental para que meninas negras sejam capazes de se reconhecer nas histórias que leem. Ao dar voz e espaço para personagens negras, estas histórias auxiliam a romper com estereótipos e preconceitos, além de promover a diversidade e a inclusão. Embora estes sejam resultados preliminares de investigação ainda em curso, esperamos dar visibilidade à riqueza da literatura infantil com protagonismo de meninas negras, tema ainda pouco explorado nos cursos de formação docente inicial e continuada. Diante de tantos desafios para a implementação da Lei 10.639 (Brasil, 2003), na direção de uma educação plural, decolonial e antirracista, entendemos que a literatura infantil com protagonismo de meninas negras pode incidir na formação de subjetividades mais livres das amarras dos preconceitos raciais, temática que deva ser efetivamente incorporada e transversalizada nos diversos cursos e âmbitos das escolas e universidades, sobretudo nas licenciaturas, ao que procuramos contribuir com este trabalho.

Referências

ALMEIDA, Sílvia Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

AMAZON. Resultados. c2021-2025. Disponível em: https://www.amazon.com.br/s?k=literatura+infantil+com+pprotagonismo+de+meninas+negras&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&-crid=1YSMBMAFESL81&sprefix=literatura+infantil+com+pprotagonismo+de+meninas+negras%2Caps%2C352&ref-nb_sb_noss. Acesso em: 1 out. 2023.

ARAUJO, Débora Obayomi. Caminhos trilhados pelas personagens negras na literatura infantil brasileira: percalços e percursos. Tom, [s. l.], v. 3, n. 6, p. 20-42, dez. 2017. Disponível em: <http://www.proec.ufpr.br/download/cultura/tom/tom6.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2025.

ARRAES, Jarid. Heroínas negras brasileiras em 15 cor-deis. 2. ed. São Paulo: Seguinte, 2020.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2009.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia da Letras, 2022.

BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10639.htm. Acesso em: 13 dez. 2020.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 26 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 28 nov. 2025.

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CHAVES, Rosa Silva. Meninas negras na literatura infantil: infâncias, identidades e representatividades. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/68507>. Acesso em: 31 jul. 2023.

COSTA, Vanessa Rosa. Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/218411>. Acesso em: 23 jun. 2022.

DIAS, Rosa Maria Noronha. Meninas bonitas: Um estudo sobre empoderamento feminino e relações étnico-raciais no contexto escolar a partir da literatura infantil. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.ppgeb.cap.uerj.br/wp-content/uploads/2021/05/Rosa-Maria-Noronha-Dias-Disserta%C3%A7%C3%A3o-compactado.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2022.

ELMOR, Rosa. Capa. In: POSSATTI, Neuza J. Ciça. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 7.

ESTANTE VIRTUAL. Resultados. c2025. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/busca?q=literatura%20infantil%20com%20protagonismo%20de%20meninas%20negras&sugestao=1>. Acesso em: 5 out. 2023.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. 100 livros infantis com meninas negras: 50/100, Parte I. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/100-livros-infantis-com-meninas-negras-50100-parte-i/>. Acesso em: 10 out. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília: MEC; SECADI, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: https://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf. Acesso em: 28 nov. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Revista Brasileira de Educação, [s. l.], n. 21, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>. Acesso em: 27 jul. 2023.

GOMES, Nilma L.; JESUS, Rodrigo E. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. Educar em Revista, Curitiba, n. 47, p. 19-33, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000100003>. Acesso em: 28 nov. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. Olhares negros, raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIRCHOF, Edgar R.; BONIN, Iara T.; SILVEIRA, Rosa Maria H. A diferença étnico-racial em livros brasileiros para crianças: Análise de três tendências contemporâneas. *Revista Eletrônica de Educação*, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 389-412, 2015. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1111>. Acesso em: 3 out. 2023.

LAROSSA, J. Literatura, experiência, formação. In: COSTA, Mariza (org.). *Caminhos investigativos 1*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 129-156.

LOPES, Dailza Araújo. *Ciberativismo como estratégia política: um estudo sobre grupos de mulheres negras crespas e cacheadas no Facebook e em Salvador/BA*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35757>. Acesso em: 27 jul. 2023.

LUZ, Mônica Abud Perez de Siqueira. *Representações dos personagens negros e*

negras na literatura infantil brasileira. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/1737/2/Monica%20Abud%20Perez%20de%20Cerqueira%20Luz.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MARQUES, Eugênia P. S.; GONÇALVES, Michelly dos S. A implantação das DCNERER nas escolas públicas: um desafio possível e inadiável para a gestão escolar. *Laplage em Revista*, [s. l.], v. 5, n. esp., p. 83-97, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1785>. Acesso em: 30 jun. 2024.

NARVAZ, Martha. A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/18884>. Acesso em: 8 mar. 2023.

NARVAZ, Martha. De Lilith à Pombagira: Literatura e arte para decolonizar corpos e mundos. *Revista Literatura em Debate*, [s. l.], v. 15, n. 27, p. 35-46, 2021. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/4042>. Acesso em: 1 dez. 2025.

NARVAZ, Martha G.; ZORDAN, Paola. Quem tem medo do corpo, do sexo e do gênero? In: RIBEIRO, Paula R. C. et al. (org.). *Tecituras*. Rio Grande: Ed. FURG, 2019. p. 15-32.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PAULINO, Rosana. "Somos muito ingênuos em relação ao poder da imagem", afirma Rosana Paulino. [Entrevista concedida a] Anna Ortega. *Jornal da Universidade (UFRGS)*, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/somos-muito-ingenuos-em-relacao-ao-poder-da-imagem-afirma-rosana-paulino/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 179-195, 2001. Disponível em: <https://publicacoesfcc.emnuvens.com.br/cp/article/view/590>. Acesso em: 15 jul. 2023.

REIS, Diego; CALADO, Maria. Diálogos possíveis entre educação antirracista e decolonial: vozes insurgentes, pedagogias críticas e a Lei 10639. *Cadernos de Aplicação*, Porto Alegre, v. 33, n. 2, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.106177>. Acesso em: 2 out. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Lei Ordinária nº 14.705, de 25 de junho de 2015. Institui o Plano Estadual de Educação – PEE –, em cumprimento ao Plano Nacional de Educação – PNE –, aprovado pela Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2015.

ROSA, Andréa Cristiane S. *Meninas bonitas com crespos de rainhas passeiam pela escola: Literatura infantil e protagonismo de meninas negras*. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, 2024. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/3860>. Acesso em: 1 dez. 2025.

ROSA, Cláudia Leticia L. da. *Educação para as relações étnico-raciais na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul: estudo preliminar*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão da Educação: Supervisão e Orientação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Alegrete, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2442>. Acesso em: 28 maio 2023.

SANTOS, Caroline Delfino dos. Diálogos entre afrodiáspora e educação: por um currículo a favor das culturas negras. *Periferia*, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 120-139, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2018.31531>. Acesso em: 25 set. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Andrea Cristiane Silveira da Rosa

Supervisora Escolar na Rede Pública de Ensino de Capão da Canoa/RS, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

Martha Giudice Narvaz

Doutora em Psicologia, Pós Doutora em Educação (UFRGS), Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

Endereço para correspondência

UERGS – Unidade Osório
Rua Machado de Assis, 1456
Centro, 95520-000
Osório, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.